

Análise Reconstitutiva de Narrativas Biográficas:

Fundamentos Epistemológicos e Procedimentos Metodológicos de Condução e Análise – Esboço para um Diálogo com a Etnografia¹

Hermílio Santos²

Resumo

O texto tem por objetivo, em primeiro lugar, apresentar uma síntese da sociologia de Alfred Schütz, que compreende o principal fundamento epistemológico para a abordagem reconstitutiva de narrativas biográficas, desenvolvida inicialmente por Fritz Schütze e incrementada por Gabriele Rosenthal. Em um segundo momento, o texto irá apresentar os procedimentos metodológicos da abordagem reconstitutiva de narrativas biográficas, destacando-se os fundamentos epistemológicos fundados na sociologia de Schütz e apresentando como exemplo a pesquisa em andamento intitulada “Herdeiras Negras: Narrativas Biográficas de Três Gerações de Mulheres Negras da Mesma Família em Três Regiões de Economia Escravista”, que tem apoio do CNPq (Bolsa PQ 1C). Por último, o texto explora brevemente condições de possibilidade para a combinação com a etnografia.

Palavras-chave: Análise Reconstitutiva. Narrativa Biográfica. Alfred Schütz.

A Sociologia desenvolvida por Alfred Schütz é uma das mais originais. Sua originalidade se deve, em boa medida, à combinação de orientações teóricas de diferentes disciplinas. Embora Schütz não tenha delineado instrumentos e roteiros para a pesquisa empírica baseados em sua sociologia, sua obra inspirou o desenvolvimento de algumas abordagens, por exemplo, a etnometodologia, a análise da conversação e a abordagem reconstitutiva de narrativas biográficas.

Contudo, há diferenças importantes entre essas abordagens, especialmente em relação ao processo de produção dos dados e sobretudo relacionada à importância das experiências biográficas para a análise. Tanto a etnometodologia quanto a análise de conversação se concentram nas situações interativas da vida cotidiana, cujo foco

¹ Trabalho apresentado na 34a Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da PUCRS, Pesquisador do CNPq (PQ 1C) e Documentarista. Texto desenvolvido com apoio de bolsa PQ do CNPq (hermilio@puers.br).

analítico não está explicitamente direcionado à reconstrução das experiências prévias para se compreender as interpretações na vida cotidiana, embora se reconheça que o passado exerce um papel relevante nas interações.

A abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas – desenvolvida inicialmente pelo sociólogo alemão Fritz Schütze e posteriormente incrementada por outros, entre eles por Gabriele Rosenthal, é uma perspectiva metodológica que oferece procedimentos para a compreensão da ação no cotidiano. Fundamentada sobretudo na sociologia de Alfred Schütz, a abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas procura compreender problemas sociais obtendo-se narrativas sobre experiências concretas daqueles que possuem uma relação direta com os fenômenos analisados.

A abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas proposta por Fritz Schütze (1983 e 2014; ver também Köttig e Völter, 2014) e incrementada por Gabriele Rosenthal³ (Rosenthal, 2014; 2017; Rosenthal *et al.*, 2006), é coerente com a abordagem teórica desenvolvida por Schütz (Santos, 2021; 2018: <https://www.youtube.com/watch?v=QNvBbGyO-IU>) e permite que se coloque no centro da análise a experiência como elemento-chave para a compreensão da interpretação dos entrevistados relativamente ao mundo da vida e sua memória e como essa memória se apresenta na vida cotidiana.

A abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas permite a construção de tipologias de interpretações do mundo da vida, considerando, neste processo, como os indivíduos manuseiam seu “estoque de conhecimento”, como manuseiam o sistema de relevância e tipificação e sobretudo, os “motivos por que” da ação individual (Schütz, 2003; Schütz e Luckmann, 2023), elementos centrais no processo interpretativo cotidiano. Ou seja, a partir das narrativas de ações passadas pretende-se analisar as interpretações sobre a vida cotidiana em diferentes fases da vida.

Schütz contribuiu para difundir, na sociologia, a compreensão de que a sociedade é, em boa medida, o que os indivíduos fazem dela. Sem menosprezar os constrangimentos envolvidos no contexto de ação, um pressuposto de sua obra é que a sociedade se produz socialmente, ou seja, o mundo social não é dado, não é natural, nem é pré-determinado. Em outras palavras, a vida social é constituída pela ação dos indivíduos a partir dos significados atribuídos à realidade por eles. A sociedade é feita pela maneira como os indivíduos se relacionam uns com os outros, como lidam com as

³ A abordagem proposta por Rosenthal amplia o que foi proposto por Fritz Schütze, combinando-o com procedimentos analíticos de Aron Gurwitsch e da hermenêutica objetiva de Ulrich Oevermann.

normas morais e legais; enfim, pela maneira como interpretam tudo o que se passa ao seu redor e como essa compreensão impacta as práticas cotidianas. Ainda que a sociedade tenha uma realidade objetiva que orienta as ações dos indivíduos – como a própria presença de regras e concepções existentes antes de nosso nascimento – e mesmo que boa parte do que sabemos tenha sido herdado daqueles que nos antecederam – e que nos é transmitido pela linguagem, escrita e falada –, esse patrimônio todo é manuseado pelos indivíduos e, portanto, modificado permanentemente. Assim, o status do indivíduo, na obra de Schütz, não é daquele que simplesmente internaliza normas e significados socialmente difundidos. Ao contrário, o ator para Schütz é, segundo Arthur Parsons (1978: 111), um agente consciente e responsável pela adoção ativa de códigos normativos na interpretação da realidade social. Esse processo confere dinâmica, incerteza e alguma imprevisibilidade à vida social, pois é impossível saber com exatidão como os “artefatos” sociais serão usados no futuro. Por exemplo, não é possível antever a maneira como os julgamentos éticos e estéticos serão definidos ao longo do tempo (ou mesmo no próximo minuto), quando as pessoas se virem confrontadas com situações em que será exigido delas um posicionamento no momento de agir. O empreendimento sociológico, segundo Schütz, deveria ser, primordialmente, o de analisar como se dá esse processo interpretativo do sujeito sobre a realidade e suas consequências na configuração da sociedade e de todos os fenômenos sociais.

Uma implicação prática dessa maneira de entender a sociedade e conceber a investigação sociológica é analisar fenômenos sociais específicos a partir de seus significados para aqueles diretamente envolvidos neles. Diferentemente de outras ciências, exatas ou naturais, a singularidade da sociologia e disciplinas afins, de acordo com Schütz, está em que o seu “objeto”, o ator que age, possui a faculdade de interpretar o mundo e de interpretar a si mesmo no mundo. Abrir mão da tarefa de compreender a interpretação dos atores na vida cotidiana seria, segundo Schütz, abdicar do traço distintivo dessa ciência, a sociologia, fazendo com se aproximasse dos procedimentos de outras ciências, como a biologia ou a física.

O empreendimento sociológico proposto por Schütz sugere que as atenções estejam direcionadas à compreensão da vida cotidiana, por ser aí que a sociedade se torna objetiva. Para tanto, os observadores devem voltar-se para o mundo da vida, colocando-se questões como “o que significa esse mundo social para o ator observado dentro dele, e o que ele quis dizer por meio de sua ação dentro dele?” (Schütz, 1979:265). O mundo da vida (*Lebenswelt*) é o mundo intersubjetivo pré-existente,

assumido como dado pelo indivíduo a partir de uma “atitude natural”, em que o indivíduo reconhece as coisas objetivas da vida, assim como as condições para a ação (por exemplo, as intenções dos outros e as suas próprias). Na atitude natural da vida cotidiana o indivíduo suspende a dúvida em relação à existência dessas próprias coisas, já que todas as experiências passadas estão presentes como que ordenadas, como conhecimento ou como consciência daquilo que se pode esperar que ocorra, pois “se assim foi, assim poderá ser”. Por exemplo, ao acordarmos todos os dias não colocamos em dúvida a existência de um calendário e de aquele é um dos sete dias da semana ou mesmo de que o dia está dividido em horas. Entretanto, tudo aquilo que é considerado como dado (*taken for granted*) nas situações do mundo da vida está cercado de incertezas, mas somente deverá se tornar objeto de uma maior atenção ou de uma reflexão mais detida se houver indícios de que as coisas não são exatamente como pareciam ser. Dessa maneira, a atitude natural se dá simultaneamente à interpretação por parte dos indivíduos, baseada, sobretudo, no estoque ou acervo de conhecimento disponível ao indivíduo, ou seja, apoiada no “conhecimento à mão”, que funciona como um “código de referência” para o indivíduo. Esse sistema de conhecimento, que é resultante da sedimentação de experiências subjetivas (biografia) (Schütz e Luckmann, 1973: 123), assume, para aqueles indivíduos que se reconhecem membros internos de um grupo ou comunidade, um aspecto de coerência que permite que todos tenham uma chance razoável de compreenderem e serem compreendidos. O ponto de partida da investigação da investigação sociológica de Schütz, portanto, é a interpretação da compreensão do significado subjetivo atribuído aos fenômenos por parte do ator no mundo da vida, pois “a salvaguarda do ponto de vista subjetivo é a única, porém suficiente, garantia de que o mundo da realidade social não será substituído por um mundo factício inexistente, construído pelo observador” (Schütz, 1979: 266).

A sociologia de Schütz, contudo, não deve ser confundida com a tarefa de simplesmente “dar voz” ao objeto de investigação, mas, seguindo-se a tradição da sociologia compreensiva (*verstehende Soziologie*) de Weber, o que se pretende é explorar os conhecimentos do senso comum, o que implica, necessariamente, em interpretar a interpretação dos indivíduos, já que esta afeta em grande medida o ser-no-mundo, ou seja, a capacidade de atribuir sentido (Staudigl, 2007: 235) e, por conseguinte, de organizar a ação. O empreendimento investigativo implica então em assumir o que Schütz denomina de “constructos de primeiro grau”, ou seja, aqueles

envolvidos na experiência do senso comum na vida cotidiana, como o objeto de análise sociológica, ou seja, dos constructos de segundo grau.

Mesmo com seus constrangimentos e limitações, a ação, na sociologia de Schütz, é uma expressão de liberdade, daí porque a sociologia deveria investigar as motivações para a ação. Embora permaneça sendo uma questão controversa, na sociologia de Schütz discute-se sobretudo a gênese da ação como um objeto central para a análise de fenômenos sociais. A compreensão de um fenômeno social não seria suficientemente acurado, a partir dessa perspectiva sociológica, sem que se tenha como ponto de partida a interpretação daqueles com experiência no fenômeno investigado. Esse procedimento evitaria substituir a experiência do ator pela perspectiva do intérprete científico.

Investigar a motivação de uma ação implica em considerar o significado atribuído pelo ator, uma vez que é intrínseco à ideia de ação, pelo menos em uma perspectiva weberiana, que o ator atribui um significado a ela. Entretanto, Weber não ofereceu detalhes de como sociólogos deveriam proceder para que se pudesse ter acesso à perspectiva subjetiva do ator. Schütz propõe que o significado subjetivo de atores individuais poderia ser abordado por meio do conhecimento e compreensão das experiências diretas e indiretas. Experiência não se restringe apenas aos eventos práticos nos quais o indivíduo esteve envolvido pessoalmente, mas até mesmo naqueles vivenciados por seus contemporâneos ou mesmo por seus antepassados (Schütz, 2004a:69). É precisamente o conhecimento adquirido nas experiências que organiza os diferentes níveis de relevância mobilizados pelos indivíduos, em todas as situações na vida cotidiana. Ao mesmo tempo, a constituição do processo de significado poderia ser acionada pelo observador científico por meio do conhecimento das motivações de atores individuais (Dreher, 2011: 493). Fica explícito aqui, como Schütz desenvolve a sociologia inaugurada por Weber quando propõe a distinção entre “motivos a fim de” e “motivos porque” (Schütz, 2004a: 110). Enquanto os “motivos a fim de” se referem às expectativas futuras do ator, os “motivos porque” dizem respeito às experiências e convicções ancoradas nas circunstâncias ambientais e sócio-históricas nas quais o ator esteve envolvido (Dreher, 2011: 493).

A distinção entre esses dois tipos de motivação oferece uma chave para a compreensão do complexo processo de ação e de tomada de decisão individual. Ao considerar a temporalidade, os sociólogos obtêm acesso a diferentes aspectos envolvidos na ação, ou seja, as experiências passadas, a perspectiva presente e as

expectativas futuras. Não considerar a temporalidade limita consideravelmente a análise das razões para uma ação. O aspecto temporal raramente é incorporado como um critério explícito para a definição de um roteiro de ação e é mantido implícito, ainda que o tempo seja uma parte constitutiva do significado (Muzzetto, 2006: 5).

Embora Schütz não tenha desenvolvido ou sequer delineado instrumentos e roteiros para a pesquisa empírica baseados em sua sociologia (Hitzler e Eberle, 2000: 117), sua obra inspirou o desenvolvimento de algumas abordagens, por exemplo, a etnometodologia (Garfinkel, 2002), a análise da conversação (Sacks, 1989; Psathas, 1995) e a abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas (Schütze, 1983; Rosenthal, 1995). Todas essas abordagens têm em comum a tentativa de se compreender aspectos da sociedade ou problemas sociais a partir da análise da perspectiva do senso comum, ou seja, considerando-se o trabalho interpretativo daqueles envolvidos em atividades da vida cotidiana, evitando-se substituí-la pela perspectiva dos observadores científicos. Porém, há diferenças entre essas abordagens, especialmente em relação ao processo de produção dos dados e sobretudo relacionada à importância para a análise de experiências passadas. Tanto a etnometodologia, quanto a análise de conversação se concentram nas situações interativas da vida cotidiana, cujo foco analítico não está explicitamente direcionado à reconstrução das experiências prévias para se compreender como ocorre uma interação concreta, embora seja reconhecido que o passado exerce um papel relevante nas interações.

A abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas – desenvolvida inicialmente pelo sociólogo alemão Fritz Schütze (1983) e posteriormente incrementada por outros, entre eles por Gabriele Rosenthal (1995 e 2014), é uma perspectiva metodológica que oferece procedimentos para a compreensão da ação no cotidiano. Fundamentada sobretudo na sociologia de Alfred Schütz, a abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas procura compreender problemas sociais obtendo-se narrativas sobre experiências concretas daqueles que possuem uma relação com os fenômenos analisados, como migração, violência, desemprego, etc.

Distinto das análises de trajetórias biográficas, a análise reconstrutiva de narrativas biográficas permite a construção de tipologias de interpretações do mundo da vida, considerando, nesse processo, como grupos de indivíduos manuseiam o “estoque de conhecimento” e, sobretudo, como manuseiam o sistema de relevância e tipificação, elementos-chave no processo interpretativo cotidiano (Schütz, 2003; Schütz e Luckmann, 2023), sendo em vista sua importância no processo de tomada de decisão

no curso de ação cotidiano. Para além disso, narrativas biográficas oferecem um importante acesso às conexões entre indivíduo e seus grupos, comunidade e movimentos (Carvalho, 2003: 293) em um período e contexto históricos e sociais específicos (Rosenthal, 2014). Já aqui é possível identificar uma possível compatibilidade entre a etnografia e a análise reconstrutiva de narrativas biográficas.

Colocar a ação em uma perspectiva temporal implica em considerar o tempo como um continuum, no qual passado, presente e futuro estão imbricados na mesma ação. Porém, dizer que o tempo é um *continuum* em uma ação não implica que haveria algum tipo de determinismo nas ações presentes e futuras, ou seja, definidas pelas ações já realizadas, mas tão somente que as ações no presente e no futuro não podem ser compreendidas sem levar em consideração ações prévias já realizadas por aqueles cujas ações são consideradas. Neste sentido, a análise da ação baseada nos escritos sociológicos de Alfred Schütz pode ser compreendida como uma investigação histórica por excelência. O que é colocado em perspectiva histórica não é somente a ação, mas também o significado atribuído pelo ator à sua própria ação, tanto no presente quanto no passado. Dessa maneira, a compreensão da ação a partir de uma perspectiva da sociologia schütziana seria melhor conduzida com a combinação de uma análise sincrônica com uma abordagem diacrônica, o que é possível se efetivar por intermédio da análise de narrativas biográficas.

Diferentemente de outras pesquisas qualitativas que se valem de entrevistas ou mesmo de narrativas, aqui não se utiliza um roteiro de perguntas pré-formulado. Essa abordagem de condução de entrevista narrativa está bastante bem consolidada, sobretudo na pesquisa sociológica alemã, e já vem sendo adotada pelo autor, mostrando-se bastante profícua.

É recorrente durante a entrevista a ocorrência de passagens não apenas narrativas, mas também descritivas, em que são descritas, por exemplo, condições sociais, condições da época, características dos atores ou circunstâncias da situação, e argumentativas, em que são apresentados esclarecimentos, justificativas, orientações, elementos biográficos ou identitários do narrador (Schütze, 1984, p. 91). Diferentemente da descrição e da argumentação, narrativas referem-se à sequência de eventos passados, mesmo fictícios, que possuem uma relação de sequência temporal ou uma conexão causal entre eles (Rosenthal, 2008, p. 139). Dessa forma, considerando-se o interesse de uma pesquisa ancorada nessa perspectiva, os trechos narrativos da entrevista ocupam o lugar de destaque exatamente por permitirem a provisão de

elementos analíticos para a perspectiva do passado dos entrevistados, uma vez que a narrativa – mais que a descrição e a argumentação – refere-se mais intimamente ao roteiro de ação (Küsters, 2009, p.25; Labov e Waletzky, 1973) desempenhado pelo ator (sobre as situações argumentativas na entrevista narrativa, ver Riemann, 1986). Nesse sentido, o termo “narrativa” como utilizado aqui não corresponde ao uso que se tornou corriqueiro e inflacionado em textos e falas de jornalistas, políticos e também cientistas sociais no debate público recente que se valem do termo sem se apoiar na distinção dos tipos discursivos exposta acima.

No âmbito da pesquisa em andamento foram entrevistadas 9 mulheres de três famílias distintas em cada uma das três regiões pesquisadas, totalizando 27 entrevistas biográficas. Contudo, a quantidade de entrevistadas é apenas uma referência, já que o que irá orientar o número adequado de entrevistas a serem realizadas não é sua quantidade, mas a saturação teórica do campo (Rosenthal, 2008, p.83), ou seja, quando o campo já tiver fornecido elementos narrativos suficientes para que se possa proceder à análise e a construção dos diferentes tipos interpretativos.

Cada entrevista é gravada em áudio e transcrita em sua totalidade e submetida à análise reconstrutiva e sequencial, com ênfase nas vivências narradas, por ser exatamente o foco da análise fundamentada na sociologia de Alfred Schütz. A análise reconstrutiva significa que a entrevista não é abordada com categorias pré-definidas, nem submetida a teste de hipóteses formuladas *a priori*. O objetivo da reconstrução, nesta pesquisa, é decodificar o significado da apresentação realizada no presente sobre eventos biográficos do passado e do presente. Com isso, combina-se uma abordagem diacrônica com uma abordagem sincrônica. Na análise sequencial, que é antecedida pelo levantamento dos eventos ao longo da vida dos biografados (nascimento, dados escolares, constituição da família, mudança de residência, doenças, por exemplo), o texto transcrito é interpretado em pequenas unidades de acordo com sua forma sequencial, ou seja, a sequência como o “texto” é criado no momento da entrevista.

Esse complexo procedimento de produção e análise de dados possibilita abordar o problema de pesquisa de maneira que, por um lado, o sistema de relevância e tipificação se explicita, e de outro lado, que o estoque de conhecimento à mão (Schütz, 2003) forneça elementos importantes para a compreensão da experiência com a herança da escravidão. Pretende-se, assim, oferecer uma compreensão para o problema em tela a partir de uma perspectiva analítica ainda não utilizada na pesquisa sociológica brasileira

sobre o tema em tela, o que poderá complementar o conhecimento já disponível sobre o tema investigado.

Ao adotar um procedimento metodológico ainda muito pouco utilizado na investigação do problemas sociais relevantes, uma pesquisa orientada por essa perspectiva analítica busca oferecer novos elementos para a compreensão da sociedade contemporânea a partir da análise de como diferentes gerações de mulheres interpretam a vivência da herança da escravidão no cotidiano, no caso da pesquisa em andamento.

Considerando o exposto acima fica evidente que a pesquisa biográfica, em especial a abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas é uma perspectiva analítica compatível com a etnografia, seja complementando estudos etnográficos, seja, ao contrário, tendo a análise etnográfica como complemento de análises reconstrutivas de narrativas biográficas. Isso já pode ser verificado em pesquisas que realizei ou que coordenei em diversos contextos, como a pesquisa “Construções sociais de espaços de fronteira, a partir do qual realizei o documentário “Espaços de Fronteira” (dir. Hermílio Santos, 2022). Neste estudo o objetivo era produzir narrativas biográficas de diversos tipos de personagens que “fazem” as fronteiras em três regiões de tríplice fronteira no Brasil: em Brasileia (Brasil, Peru, Bolívia), em Corumbá (Brasil, Bolívia e Paraguai) e em Uruguaiana (Brasil, Argentina e Uruguai). As permanências no campo permitiria que se complementasse as entrevistas biográficas com descrições etnográficas das práticas de construção de fronteiras. Dois outros estudos, que permitiram igualmente a realização de documentários puderam ser compatibilizados com observações etnográficas: a pesquisa “Criança e violência em favelas do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo”, que resultou no documentário “Infância Falada” (dir. Hermílio Santos e Kamila Almeida, 2016), assim como a pesquisa “Fatores Humanos na produção de óleo e gás”, que resultou no documentário “Embarcados” (dir. Hermílio Santos, 2024). Em todos esses casos, que pressupunham permanências relativamente mais extensas no campo, foi possível, ainda eu de maneira modesta e limitada, complementar a condução de entrevistas narrativas biográficas com descrições etnográficas, deixando explícito o potencial de compatibilidade da abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas com a etnografia. Tal constatação nos permite concluir que etnógrafos poderiam se familiarizar com essa perspectiva biográfica, para a qual tenho feito um esforço para difundir essa perspectiva no Brasil, com a publicação de tradução de quatro obras importantes, sendo duas de Alfred Schütz, duas de Gabriele Rosenthal, assim como a organização de dois dossiês da revista *Civitas*, bem como a realização de dois

documentários: “Mundo da Vida – A sociologia de Alfred Schütz” (dir. Hermílio Santos, 2018) e “Mundo da Vida II: Biografias e Narrativas” (Dir. Hermílio Santos, 2024, em edição).

Referências

- CARVALHO, I.C.M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica, **Horizontes Antropológicos**, 9, n.19, pp. 283-302, 2003.
- DREHER, Jochen. Alfred Schutz. In: Hitzler, G. and Stepnisky, J. (ed.) **The Wiley-Blackwell Companion to Major Social Theorists**, Blackwell Publishing, 2011.
- HITZLER, R.; EBERLE, T. S. Phänomenologische Lebensweltanalyse. In: Flick, U. Kardorffa, E. v.; Steinke, I. (eds.), **Qualitative Forschung – Ein Handbuch**. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt Verlag., 2000.
- KÖTTIG, Michaela; VÖLTER, Bettina. ‘Isso, sim, é ser sociólogo!’- Uma entrevista narrativa com Fritz Schütze sobre a história de sua obra na sociologia, **Civitas**, v.14, n.2, p. 204-226, 2014.
- KÜSTERS, Ivonne. **Narrative Interviews – Grundlage und Anwendungen**. Wiesbaden: VS Verlag, 2009.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Erzählanalyse: mündliche Versionen persönlicher Erfahrung, in: Ihwe, Jens (org.), **Literaturwissenschaft und Linguistik – Eine Auswahl**. Frankfurt am Main: Athenäum Fischer Taschenbuch Verlag, 1973.
- MUZZETTO, Luigi. Time and Meaning in Alfred Schütz. In: **Time & Society**, 15, 1, pp.5-31, 2006.
- PARSONS, A.S. Interpretive Sociology: The theoretical significance of Verstehen in the constitution of social reality, **Human Studies**, 1, pp.111-137, 1978.
- PSATHAS, G. “Talk and social structure and “studies of work”, **Human Studies**, 18, pp.139-155, 1995.
- RIEMANN, Gerhard. Einige Anmerkungen dazu, wie und unter welchen Bedingungen das Argumentationsschema in biographisch-narrativen Interviews dominant werden kann. In: Soeffner, Hans-Georg (org.), **Sozialstruktur und soziale Typik**. Frankfurt: Campus Verlag, 1986.
- ROSENTHAL, Gabriele; KÖTTIG, Michaela; WITTE, Nicole; BLEZINGER, Anne. **Biographisch-narrative Gespräche mit Jugendlichen – Chancen für das Selbst- und Fremdverstehen**. Opladen: Verlag Barbara Budrich, 2006.
- ROSENTHAL, Gabriele. **Erlebte und erzählte Lebensgeschichte – Gestalt und Struktur biographischer Selbstbeschreibungen**. Frankfurt: Campus Verlag, 1995.
- ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.
- ROSENTHAL, Gabriele. **História de vida vivenciada e história de vida narrada**. Porto Alegre: Edipucrs, 2017.
- SACKS, H. Lecture One – Rules of Conversational Sequence, **Human Studies**, 12, pp. 217-227.
- SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SCHÜTZ, Alfred. **Theorie der Lebenswelt 1 – Die pragmatische Schichtung der Lebenswelt**. (Alfred Schütz Werkausgabe Band V.1, organizado por Martin Endreß e Ilja Srubar). Konstanz: UVK, 2003.
- SCHÜTZ, Alfred. Das Problem der Relevanz. In: List, E. (ed.), **Relevanz und Handeln I – Zum Phänomenologie des Alltagswissens**. Konstanz: UVK, 2004.
- SCHÜTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Estruturas do Mundo da Vida**. Porto Alegre: Edipucrs. 2023.
- SCHÜTZE, Fritz. Biographieforschung und narratives Interview, **Neue Praxis**, Heft 3, p.283-293, 1983.

SCHÜTZE, Fritz. Kognitive Figuren des autobiographischen Stegreiferzählens. In: Kohli, Martin; Robert, Günther (eds.), **Biographie und soziale Wirklichkeit**. Stuttgart: Metzler, 1984.

STAUDIGL, M. Towards a phenomenological theory of violence: reflections following Merleau-Ponty and Schutz. **Human Studies**, 2007.